

“Pretos e polacos de cabeça quente”:
um estudo sobre relações de poder e conflito envolvendo imigrantes.
(Ponta Grossa, final do século XIX)¹

RENATA SOPELSA**

Ponta Grossa, pequena e acanhada cidade do interior do Paraná, cujo cotidiano ainda profundamente marcado por um passado rural, onde bois, mulas e cavalos circulavam livremente pelos campos e pelas ruas, ao final do século XIX passou por um processo de transformação, ganhando ares urbanos, novos hábitos e valores, e novos moradores, dentre eles, dezenas de imigrantes.

Com efeito, a medida que o comércio e a indústria davam impulso a economia local, juntamente com as linhas de ferro que a esse tempo chegavam a cidade, no espaço urbano passaram a viver e conviver indivíduos bastante diferentes entre si, muitos vindos de municípios da região, inúmeros provenientes de estados distantes ou ainda de terras mais longínquas, do outro lado do Atlântico.

E, de fato, tal como os nacionais, italianos, russos, alemães e poloneses, assim como imigrantes de outras nacionalidades chegavam a Ponta Grossa em busca de emprego, estabilidade financeira e segurança ou, em todo caso, de uma vida melhor.

E, uma vez instalados, fazia-se premente não apenas inserir-se no mercado de trabalho como também em um novo mundo social e tecer novas relações de sociabilidade. Em outras palavras, fazia-se necessário deixar para trás a imagem de recém chegados, de estranhos. Nas palavras de Norbert Elias, “os processos migratórios “as vezes são concebidos simplesmente como aspectos geográficos”, assim “tudo que parece acontecer é as pessoas se deslocarem fisicamente de um local para outro. Na realidade, elas sempre se deslocam de um grupo social para outro. Sempre tem que estabelecer novos relacionamentos com os grupos já existentes” (ELIAS & SCOTSON, 2000: 174)

¹ Esse texto é apenas um rascunho, que, caso aceito para ser apresentado no Simpósio, deverá ser revisto e corrigido no prazo estipulado pela comissão organizadora do evento.

* Doutoranda em História na Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Profa. Dra. Roseli Boschilia. Bolsista da Capes.

Mas esse processo de ressocialização nem sempre transcorria de maneira tranqüila, sem traumas ou desencontros. Ao contrário, embora tenham modificado suas ‘ideias’ e ‘comportamentos’ a partir da inserção nesse outra configuração social, os imigrantes não puderam escapar do embate com os grupos nacionais, fossem eles ricos ou pobres, brancos ou pretos. Não raro, esses desentendimentos acabavam em discussões e agressões, como as que ocorreram em outubro de 1896.

Na noite do dia 12 de outubro findo as onze horas mais ou menos aconteceu que por ocasião de um baile que se deu na casa do negociante Theodoro Mockel, onde foram reunidos os denunciados e como quizessem tomar parte no baile e não fossem admitidos, após curta alteração que tiveram com alguns dos que faziam parte no divertimento, retiraram-se da casa, e como fechassem as portas, os denunciados violentamente arremessaram-se sobre ela conseguindo entre abri-la... descarregando sobre a porta diversos tiros de revólver...(PROCESSO CRIMINAL POR LESÕES CORPORAIS, 1896)

Dessa briga que ocorreu na casa de um comerciante alemão, saiu ferido pelos rapazes brasileiros o italiano Vicenti Motti.

Com base nas premissas apontadas por esse processo criminal, bem como outros do mesmo período, tornou-se lícito visualizar os imigrantes apontados nos processos criminais como um grupo de “outsiders” que, para além as dificuldades econômicas e culturais que acompanharam a chegada e instalação no ‘novo mundo’, ao interagir com os brasileiros acabaram vivenciando diversos conflitos e tensões.

Nesse sentido, é interesse desse trabalho analisar o processo de ressocialização vivenciado por esses imigrantes europeus, buscando desvelar como percebiam e eram percebidos dentro dessa figuração social a qual passaram a pertencer: a sociedade pontagrossense no final do século XIX.

1.1 PONTA GROSSA E SEUS VELHOS E NOVOS MORADORES...

Tal como várias cidades que se formaram ao longo do conhecido Caminho das Tropas, Ponta Grossa teve sua formação histórica fundamentada na produção de grandes propriedades rurais. Tais ‘fazendas’ representavam verdadeiras unidades sócio-econômicas, afinal possuíam uma economia quase autárquica voltada para o comércio do gado e para uma produção de subsistência, atividades em que era empregada a mão-de-obra escrava. Afora os cativos, nelas também viviam os agregados, indivíduos que

compunham uma camada intermediária, haja vista que apesar de livres, trabalhavam sem remuneração. No decorrer do tempo, esses indivíduos e seus patrões inseriram-se no comércio das tropas. Atraídos pela possibilidade de aumentar seus lucros, os fazendeiros percorriam os caminhos que iam da Província de São Pedro em direção à feira de Sorocaba e ao seu lado uma parcela significativa da população campeira, “estabelecendo um contínuo contato com os paulistas e rio-grandenses”, de modo que “os habitantes dos Campos Gerais tinham sobretudo costumes de gaúchos”.(BALHANA & MACHADO, 1968: 38)

Perante a troca de experiência entre os membros das comitivas, faz-se pertinente afirmar que na primeira metade do século XIX a população espalhada pelas vilas e pousos dos Campos Gerais construiu uma trama social singular, onde escravos, agregados, fazendeiros, velhos, jovens, mulheres e crianças conviviam em um ambiente dominado pelas lides campeiras, pelo trato de animais, e dessa experiência instituíram um modo de vida específico. É importante ressaltar ainda que se tratava de uma sociedade hierarquizada e alicerçada no paternalismo dos grandes proprietários rurais, detentores do poder político regional.

No entanto, já na segunda metade desse século, Castro, Ponta Grossa, Palmeira e Lapa, vilas que desenvolveram-se em função do caminho das tropas, visto que localizadas a semelhantes distâncias uma da outra configuravam-se como locais apropriados para que as comitivas em trânsito descansassem após uma etapa da viagem, assistiram a uma maior movimentação e a cristalização de um poder urbano sobre o poder rural. Despreocupadas com o trabalho nas fazendas que passaram a ser dedicadas ao aluguel das pastagens, muitas famílias de proprietários transferiram suas moradias para as cidades, moradias que já não são tão rústicas como as do campo. Na verdade, muitas vezes nem seus costumes o eram, pois entre eles figuravam indivíduos que haviam formado-se bacharéis em São Paulo, Pernambuco ou até na Europa.

Com o tempo, também os trabalhadores das fazendas que não encontravam mais colocação no campo dirigiram-se para o meio urbano, a eles vindo somar-se diversos migrantes vindos de outros municípios do Paraná, muitos de outros estados, à procura dos empregos trazidos com a construção das linhas férreas. Ponta Grossa enfim crescia, tornando-se gradativamente um novo espaço sócio-cultural, ganhava ares de cidade, passava a abrigar indivíduos estranhos... entre eles centenas de imigrantes.

Com efeito, no final da década de 1870 chegaram à região os imigrantes europeus.

A vinda desses imigrantes seguia os passos do projeto iniciado há algumas décadas no Paraná, e que ganhou contornos mais nítidos após a sua emancipação política, ocorrida em 1853. Na verdade, as motivações em fixar elementos estrangeiros orientaram-se pela carência de gêneros alimentícios, que obrigava a população regional a importar artigos do exterior e de outras províncias, comprados a altos preços. Os imigrantes passaram a ser então considerados capazes de romper com tal carência, pois, na visão da elite paranaense, esses “colonos morigerados e laboriosos” iriam resolver a escassez de mão-de-obra, agravada a partir do remanejamento dos cativos para a lavoura cafeeira, e sanar a crônica crise de abastecimento com o incremento de novas técnicas de produção agrícola.

Concomitantemente buscavam ainda garantir a ocupação territorial e, sem dúvida, excluíaam de seus planos o concurso da população indígena. Mais ainda, para eles era premente romper com a herança escravocrata, posto que o negro, ‘violento e nada confiável’, não possuía ‘condições morais, nem culturais’, para tal empreitada. Alinhados ao ideário vigente em outras partes do Brasil, concebiam o imigrante europeu como ‘pacífico e trabalhador’, portanto capaz de regenerar o elemento nacional. Dessa maneira, a imigração era considerada um “fator étnico de primeira ordem destinada a tonificar o organismo nacional abastardado por vícios de origem e pelo contato que teve com a escravidão”.²

No que tange a Ponta Grossa, inicialmente, cerca de 2.400 colonos procedentes da região do Volga foram direcionados para áreas afastadas do núcleo urbano. Entretanto, inúmeras famílias que vieram para trabalhar na terra, acabaram em pouco tempo dirigindo-se para a cidade, afinal haviam sido assentadas em solos improdutivos. Mais para o final dos oitocentos, juntamente com eles, homens e mulheres de outras nacionalidades também construíram suas casas na cidade.

De fato contribuindo para a expansão do espaço urbano, esses imigrantes passaram a marcar sua presença na sociedade local já na técnica e estilo de construção de suas moradias. É interessante destacar que, conhecedores das técnicas de trabalho

² Relatórios de Presidentes da Província do Paraná, 1855. IN: NADALIN, Sérgio Odilon. Paraná: ocupação do território, população e migrações. (Coleção História do Paraná; textos introdutórios). Curitiba: SEED, 2001, pág. 21.

com a madeira, acabaram inovando as habitações até mesmo dos brasileiros, pois eram excelentes artesãos, marceneiros e carpinteiros.

Além dessas atividades, esses indivíduos sobressaíram-se nos ramos comerciais, pois suas vendas iam de alfaiatarias e açougues até diversas casas de secos e molhados. Outros ainda alcançaram sucesso no ramo industrial, pois montaram pequenas fábricas de banha, olarias, curtumes e fábricas de bebidas. Sucede que, muito embora esses imigrantes tenham vivenciado um cotidiano repleto de dificuldades, nem por isso deixavam-se abater, e sim ao contrário, mostraram-se afeitos ao trabalho e empreenderam um processo de inserção em meio aos nacionais a partir de trabalhos e tarefas por eles renegados.

1.2 BEBADOS E TURBULENTOS

Mas a vida não se faz apenas de trabalho e dificuldades. Resulta claro na leitura das fontes utilizadas para essa pesquisa, que em seus momentos de ‘não-trabalho’ esses imigrantes freqüentavam e gostavam de festas, gostavam de dançar, beber, de divertir-se.

E como não poderia deixar de ser, ainda mais em se tratando de pessoas em processo de ressocialização, era nesses encontros que essas pessoas expressavam suas tensões, suas censuras, traçavam fronteiras, produziam e/ou afirmavam identidades na convivência com indivíduos de outra nacionalidade, do sexo oposto, de outra faixa etária ou nível econômico e social. Ou seja, era nesses momentos lúdicos que as diferenças e divergências ganhavam gravidade. Não obstante, muitos acabavam em confronto aberto, físico inclusive. Muitos acabavam em crime, como o baile na casa do Theodoro Mockel.

Cite-se o relato de uma testemunha que afirmou “estar dançando no baile quando um polaco lhe contou sobre homens que queriam acabar com a festa”.³ Este baile, assim como os outros citados nos processos, ocorreu na casa de um comerciante

³ Processo Criminal, Laurindo Alves de Araújo, pasta 198, ano 1896. Embora não sejam citadas, para a elaboração desse artigo utilizou-se dez processos criminais como fonte, todos pertencentes ao período que vai de 1892 à 1912, e que atualmente encontram-se no acervo judicial do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

de origem européia, as chamadas casas de secos e molhados que ocasionalmente, à noite, fechavam as portas e cediam espaço a festividades. Pode-se pensar, desse modo, que esses imigrantes eram afeitos a esse tipo de festas, onde a dança era entremeada por conversas e comidas.

Portanto gaitas, tocando violão, cantando ou dançando, jogando e namorando, os imigrantes estão presentes em todos as “festas” narradas nos processos. Nas suas falas aos delegados e juízes, os bailes são descritos sempre como sendo “de sociedade”, “de boa sociedade”, “de família”.⁴ Terminam em desavenças, mas isso se deve aos brasileiros, que não sabem respeitá-los, que forçam a entrada, não respeitam as mulheres, e que advertidos sobre a conduta inadequada os agridem, seja com golpes de porrete, com facadas e ‘facãozadas’, seja a tiros ou com um copo de cachaça lançado à cabeça.⁵

Ao fim e ao cabo, esses processos revelam dois tipos de conflitos vivenciados na sociedade ponta-grossense. O primeiro entre os próprios ‘outsiders’.

Efetivamente, na quase totalidade das falas faz-se o uso corriqueiro de termos que remetem a determinados traços étnicos porém carregados com uma conotação pejorativa ou ainda de estereótipos que visam desmoralizar os grupos de origem. Nesse sentido, não raro os personagens lançavam mão de expressões como “o polaco” para referir-se a qualquer imigrante fosse ele russo ou alemão ou austríaco, e “o negro” para qualquer indivíduo cujo tom de pele fosse diferente do europeu. Acrescia-se ainda defeitos que seriam característicos a todos os membros de um grupo e do outro, pois todo “polaco” seria “bêbado, enquanto todo “preto” era “vadio” e propenso a “malandragem”.⁶

Pode-se depreender desse fato que esses indivíduos encontravam-se numa relação de tensão, a qual possivelmente decorria da disputa mesmo que velada por uma melhor colocação dentro da sociedade ponta-grossense, fosse ela profissional e social. Ademais, esses embates eram produto natural das dificuldades relativas a qualquer processo de reconstrução de redes de sociabilidade e, por que não pensar, de uma nova identidade social, pois todo processo de mudança requer uma releitura não somente do

⁴ Esses termos aparecem em vários processos.

⁵ Informações retiradas das fontes.

⁶ Os termos entre aspas foram retirados do citado processo.

novo mundo social mas de si mesmo. Importa-lhes, portanto, construir a melhor visão de si que pudessem alcançar, e para isso era premente ver no ‘outro’ um indivíduo inferior humana e moralmente.

O outro conflito, gerido a par, se dava entre eles, os outsiders, e as famílias estabelecidas e donas do poder político e jurídico da cidade.

Para esse grupo, que buscava normatizar o comportamento e os hábitos no espaço urbano, não raro opondo-se às práticas populares ou classificando-as como sinais de atraso cultural de uma nação que se queria similar a Europa, esses novos moradores eram representantes de uma classe de desordeiros, bagunceiros, eram indivíduos fora das normas.

É importante refletir sobre a maneira como os membros do judiciário interpretavam a participação nessas reuniões populares, de homens brancos, portadores ou herdeiros de uma cultura européia, que teoricamente deveriam aplicar-se com vontade ao trabalho e à família, logo que fugiam ao estereótipo romantizado do colono trabalhador. Acompanhando o andamento dos processos criminais, nos é dado a pensar que havia uma forma velada de repreensão aos imigrantes, dado a quase ausência de condenações aos réus que atentaram contra a vida desses elementos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponta Grossa, pequena mas desejosa de igualmente usufruir dos benefícios trazidos expressivo incremento da economia nacional e regional, a igualmente passar por um crescimento urbano e a seguir o modelo burguês que inspirou os primeiros momentos da República, na realidade, não conseguiu romper com seus padrões e valores culturais.

Nesse sentido, a medida deixava de ser um ponto de passagem das tropas onde morava uma população basicamente composta por famílias proprietárias e antigos moradores das fazendas, para ser uma cidade atrativa a entrada de novos moradores interessados em inserir-se no mundo urbano, a sociedade local se manteve bastante tradicional. E, por que não afirmar, até receiosa em relação a esses ‘estranhos’.

Por seu turno, migrantes e imigrantes forçosamente passaram por percalços, angústias e enfrentamentos para conseguir seu lugar nessa figuração social. Com base

nessas premissas, tornou-se lícito visualizar os migrantes e, sobremaneira, os imigrantes apontados nos processos criminais como um grupo de ‘outsiders’ que acabou vivenciando diversos antagonismos. (ELIAS & SCOTSON, 2000)

Nesse sentido, embora esses indivíduos tenham modificado suas “idéias” e “necessidades” a partir da sua inserção na sociedade ponta-grossense - posto que também nela eram atores participantes do eterno tecer e destecer das relações sociais e não seres imóveis e imutáveis – não puderam escapar do embate com os moradores estabelecidos em Ponta Grossa.

Muitos alcançaram o objetivo de se ‘estabelecer’ na cidade em pouco tempo, vencendo com seu trabalho as resistências e conquistando o respeito e muitas vezes a amizade dos antigos moradores e também dos novos. No entanto, a grande maioria não atingiu o objetivo de melhorar de vida, que sem dúvida era uma das principais motivações para aventurar-se no outro lado do Atlântico. Para eles as ilusões se desfizeram. Como foi averiguado através dos processos crimes, existiram também os fracassados, os contraventores, aqueles que escolheram ou foram empurrados para um papel a margem na sociedade ponta-grossense. Mais que outsiders, passaram a ser vistos como indivíduos desordeiros, amorais. Para uma última vez dialogar com Elias, e com as fontes, estes ficaram de fora da “boa sociedade”.⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALHANA, Altiva Pilatti. **Política imigratória do Paraná**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, 12, maio/junho, 1969.

BALHANA, Altiva Pilatti & MACHADO, Brasil Pinheiro. **Campos Gerais: Estruturas Agrárias**. Curitiba: UFPR, 1968.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Difel, 1989.

CHAMA, Guísela. **Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder**. Ponta Grossa: PMPG, 1988.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Coleção Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1990.

⁷ A denominação “boa sociedade” aparece nas fontes criminais usadas nesse artigo, assim como nas entrevistas utilizadas por Norbert Elias em seu livro “Estabelecidos e Outsiders”, sendo que em ambas as fontes tem o mesmo valor valorativo, referindo-se a indivíduos que pertencem a grupos com maior valor humano e moral.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DITZEL, Carmencita Holleben & LÖWEN SAHR, Cecilian. **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GONÇALVES, Maria Ap. Cezar & PINTO, Elisabete Alves. **Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa: UEPG, 1983.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. (Coleção História do Paraná; textos introdutórios). Curitiba: SEED, 2001.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando Iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense**. Curitiba: Ed UFPR, 1996.